

Algumas particularidades do Português falado no Funchal

O Português do Funchal, assim como o Português da Madeira, apresenta para qualquer locutor de qualquer variedade continental um conjunto de características que o identificam inequivocamente. Provavelmente, o fenómeno mais característico é a palatalização do /l/ em casos que não se encontram no Continente.¹ Outros fenómenos, ainda que menos citados, são, por exemplo, a "ditongação do /i/" tónico, a "ditongação do /u/" tónico, o desaparecimento de /i/s átonos, a monotongação do ditongo escrito "-des", a anteriorização da vogal nasal do ditongo escrito "-ão".

É evidente que dizer que o fenómeno A ou o fenómeno B se encontra no Dialecto X não significa que todos os locutores pronunciam sempre e em todas as circunstâncias a mesma coisa. Para tentar perceber o que se passa é necessário não esquecer que não existe "grau zero" nas relações humanas e que a variação linguística se encontra também ligada a factores de ordem socio-económica, variação essa que se traduz quer na utilização de variáveis diferentes quer no grau de utilização diferente dessas variáveis pelos locutores, de modo inconsciente. Por outro lado, dentro de um grupo socialmente definido existe ao mesmo tempo a variação ligada às diferentes situações discursivas. Mas, uma análise exclusivamente linguística não pode senão descrever o conjunto de contextos linguísticos em que a variação ocorre e limitar-se a propor a opcionalidade das regras descobertas. Torna-se imperioso proceder a uma análise sociolinguística, isto é a uma análise linguística mas fazendo apelo a factores considerados extra-linguísticos pondo-os sistematicamente em relação uns com os outros. Deverá ser do estudo da interacção das estruturas linguísticas e

sociais, do modo como elas se organizam e estruturam, que surgirá a compreensão do fenómeno da variação linguística.

A variação está excluída do domínio da maioria das teorias linguísticas. Por exemplo, Saussure, ao introduzir a dicotomia "Langue / Parole", considera que a Linguística é o estudo da língua, "sistema de valores puros". Embora a língua seja ao mesmo tempo um facto social e um facto individual, a utilização efectiva da língua, a fala, está excluída do campo da Linguística. Martinet admite a variação linguística mas enquanto mudança interna do sistema. Para Chomsky a Linguística continua a ser o estudo do invariante, visto que a Linguística é o estudo da competência e não da performance, e "a competência é o conhecimento (abstracto) que o locutor-auditor ideal tem da sua língua e a performance é o uso efectivo da língua em situações concretas".

Labov considera que é necessário descrever as estruturas linguísticas, que é necessária uma teoria linguística para analisar os factos linguísticos mas ao mesmo tempo integrando, e não rejeitando, as condições de utilização social da língua, o locutor enquanto produto histórico e agente social. Claro que isto é fundamental para o tratamento de estruturas linguísticas que apresentam variação e não para o tratamento do invariante. Podemos dizer que a grande inovação de Labov consiste em integrar no campo da Linguística o estudo da variação linguística, variação essa que se apresenta estruturada e estruturante do ponto de vista linguístico e social.

Qualquer linguista, e até não linguista, depressa se apercebe de algumas características do falar do Funchal. Como essas características aparecem a muita gente como simples estereótipos, como uma simples variação relativamente à norma de prestígio do Continente, tratava-se de saber se as variantes eram utilizadas em todas as circunstâncias por todos os locutores ou se essa variação estava ligada a factores não unicamente linguísticos. Uma vez identificadas as variáveis era necessário resolver o problema da escolha dos informantes, dos

critérios socio-económicos que serviriam para os classificar, ou repartir, em grupos, ou "classes" sociais.

Para além da variação devida a factores de ordem social, existe a variação estilística, variação que resulta do estilo e do contexto. Labov, e pensamos que correctamente, considera que a variação estilística se encontra intimamente ligada à atenção que o locutor presta ao seu discurso, isto é ao seu grau de auto-vigilância.² Para a estudar basta que variemos os estilos contextuais.

A recolha do corpus foi feita através de entrevistas gravadas com 64 locutores nascidos no Funchal e criados com pessoas tendo vivido praticamente sempre na ilha da Madeira. As entrevistas foram individuais e realizadas em casa dos locutores, numa sala junto do seu local de trabalho e numa sala da Câmara Municipal do Funchal.³ O conjunto de critérios que presidiu à sua escolha será apresentado a seguir.

Pares

O teste dos pares mínimos consistiu na leitura, para os locutores alfabetizados, de uma página em que aparecia uma lista de 20 pares mínimos, algumas das palavras aparecendo na lista e/ou no texto.

Lista

Este teste consistiu na leitura, pelos mesmos locutores, de uma lista de 94 palavras.

Texto

O texto apresentado aos informantes foi inicialmente elaborado por um grupo de alunas da Faculdade de Letras de Lisboa, residentes no Funchal, no quadro da disciplina de Sociolinguística, e testado com alunos do Liceu da cidade.

Conversa Formal

A parte da entrevista chamada "formal" serviu para obter dados sobre o locutor, a sua família, o seu meio profissional, enfim um conjunto de informações de ordem extralinguística como, por exemplo: Idade; Habilitações literárias; Profissão; Profissão do cônjuge; Habilitações literárias do cônjuge; Local de nascimento do informante, do cônjuge, dos pais; Habilitações literárias e profissão dos pais; Número de quartos da casa; Número de elementos do agregado familiar; Número de carros do agregado; Número e tipo de televisores; Máquinas de lavar roupa; Máquinas de lavar loiça; Empregada(s) doméstica(s).

Conversa Informal

É nesta parte da entrevista que se tentava minorar o seu aspecto formal levando o locutor a falar de coisas que lhe interessam ou sobre as quais tem opiniões. Entre essas diferentes coisas contam-se, por exemplo, e segundo os locutores: o clima da Madeira; a Madeira, região turística; a telenovela; a prática de algum desporto; o tabaco; passeios; o que pensa da escola; o que pensa dos professores; de que matérias gosta; tipos de artigos de jornal e de livros que gosta de ler; regras de um jogo tradicional que conheça; tratamento de flores ou plantas, receitas de cozinha. Na parte final solicitava-se ao informante que contasse o que aconteceu e o que sentiu quando pensou que se encontrava numa situação de perigo de morte, ou que descrevesse um acidente a que tivesse assistido, ou ainda a história do livro ou do filme que mais o marcou.

Como já se disse, o conjunto de formas estudadas foi obtido através da gravação de um grupo de locutores tendo passado a maior parte da sua vida no Funchal.

Análise da variável /l/ segundo os diferentes contextos

O /l/ apresenta, em toda a ilha da Madeira, três realizações distintas. Por um lado, temos, como no continente, um [l] normal, alveolar, e um /l/ velarizado⁴. Mas existe também uma

variante de /l/ que é palatalizada⁵. É esta a variante que nos interessa. Com efeito, é dela que é necessário procurar os condicionamentos linguísticos e extra-linguísticos que provocam o seu aparecimento.

Façamos em primeiro lugar uma descrição estritamente linguística dos factos. Começemos por citar alguns autores que se ocuparam da Madeira, independentemente de se tratar do Funchal ou não. Pestana (1965:87) informa-nos que "Embora não tenha ainda ideias definitivas quanto às condições em que o som lh se despalataliza e àquelas em que o l dental palataliza neste dialecto, verifica-se que o l dental se palataliza sob a influência da semi-vogal i, como por exemplo: grilho (=grilo), quilho (=quilo) - o que de resto é normal; e que o lh tende a despalatalizar-se quando se não nota a presença da referida semi-vogal, como em dál (dá-lhe), chégal (=chega-lhe), l'jarua (=lhe gerou), etc. - o que também normal é."⁶

Na sua *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, o saudoso mestre Doutor Leite de Vasconcelos (p. 156) diz: "Dans toute l'île de Madère, [...] il y a [...] un lh spécial qui donne l'impression que des mots qui, en portugais, contiennent un l, [...] ont le son de lh [...], et que des mots qui, en portugais, contiennent un lh [...] ont le son de l".

O ilustre professor conheceu o falar madeirense apenas do contacto dalguns insulares eruditos, pelo que as suas referências, neste particular, merecem reserva".

Segundo Nunes (1965:400), "depois da palatal "i", as consoantes lateral (l) e *fricativas velares* (k, g)⁷ palatalizam-se".

Rezende (1961:199) considera, a propósito do /l/, que "Em posição medial ou final, precedido necessariamente de i palataliza-se, tal como acontece até certo ponto em F. (...) onde o l seguido de i se palataliza". Ainda segundo este autor (1961:200), "Podemos talvez afirmar que enquanto o l de filha é palatal, o de milagre, milano, anil, etc. é mais centro-palatal.

Não é no entanto uma afirmação categórica, pois é um caso bastante obscuro".

Para Pestana (1954:61) "o l medial ou final palataliza-se sempre que está precedido da vogal ou semivogal i" e cita Rogers para quem "a posição do l é indiferente; tanto inicial como intervocálico tem a pronúncia lh (p. 246)". De algum modo, Pestana contradiz Rogers ao afirmar que o l inicial madeirense não se palataliza a não ser no corpo da frase, quando está precedido de uma palavra terminada por i ou ditongo decrescente. Lembra ainda que "Se é intervocálico nem sempre tem pronúncia palatal"(p. 118) ao dizer que é condição necessária que a vogal que precede o l seja um i, também palatal.

Sobre a despalatalização, que Pereira (1952) e Rogers (1932) dizem nunca ter encontrado, Pestana (1954:62) esclarece "eu própria, que conheço várias freguesias da Ilha da Madeira, nunca encontrei a substituição do lh por l."

Pereira (1952:104) constata que "o l medial ou final, palataliza-se sempre que está precedido da vogal ou semivogal i" e remata (pp. 118-9) "Concluindo, poderíamos dizer que: o l madeirense, inicial, medial ou final palataliza-se, sempre que for precedido da vogal palatal i, oral ou nasal".

Brüdt (1937-1938) nota o "facto curioso que já Leite de Vasconcelos menciona na pág. 156 da sua *Esquisse ...*", a despalatalização, e afirma "como encontrei especialmente o último caso referido muitas vezes, escrevi então l em vez de lh. Exemplo: mad. tilado = port. telhado".

As diferenças que encontramos nestes diversos autores podem dever-se ao facto de, com a excepção de Pestana (1954), eles não pretenderem descrever o falar do Funchal. E Pestana (1954), ainda que sobre o Funchal, só pretende descrever alguns aspectos da língua de um determinado grupo socio-profissional - "os bamboteiros". Não deixa, no entanto, de ser constante a referência à existência de um [i] precedendo a lateral.

O corpus recolhido, que tem mais de 11000 // fonológicos, contém, a nível fonético, cerca de 2800 // palatalizados. Isto é a prova de que nem todos os // palatalizam. Mas é também a prova de que nem só um // fonológico, ou um [i] fonético, provoca a palatalização. Por exemplo, o nome próprio Helena com a vogal inicial [e], [elénʌ], não apresenta um único caso de [ʎ] palatalizado, mas se essa vogal for [i] então pode haver palatalização, [ilénʌ] ou [iʎénʌ]. Isto significa que a palatalização do // só tem lugar depois da elevação da vogal átona inicial. O [i] pode nem pertencer à mesma palavra, como em vi logo, [viʎogu]. Outro caso, que, considerado em termos estritamente fonéticos, parece estranho é o aparecimento de um // palatalizado precedido por uma consoante, como em vilão, [vʎãw], ou filosofia, [fʎu]sofia, sem o [i]. A explicação para estes casos reside no facto de a palatalização preceder o desaparecimento do // átono. Um terceiro caso é constituído pelas ocorrências de // palatalizado em que o // está precedido por uma vogal que não [i], como em [fʎu]sofia. Aqui também, a palatalização tem lugar antes da centralização do //. Por fim, o // pode ser palatalizado por influência da semivogal [- rec.], oral ou nasal, pertencendo ou não à mesma palavra, como em papoila, ... tem luz, ou vai leve, em que a semivogal do ditongo provoca a palatalização. Em muitos casos a semivogal desaparece, ou é totalmente assimilada, como em baile, [báʎ], sei lá, [sʎáʎ], foi logo, [fóʎogu]. Esse desaparecimento, ou assimilação, deve ser posterior à palatalização.

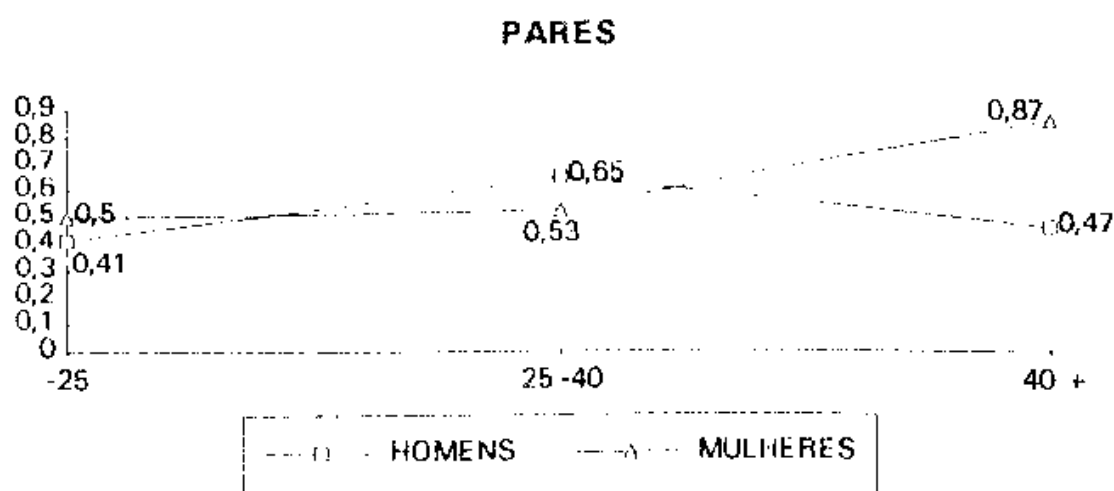
Em termos linguísticos, podemos dizer que, no Funchal e mais que provavelmente na Ilha da Madeira, o // pode palatalizar-se pela influência de um [i] ou um [j], oral ou nasal, imediatamente anterior, quer este pertença à mesma palavra quer não.

Temos, em termos de fonologia, tradicional digamos, a seguinte regra opcional:

$$1. \quad \text{ʎ} \rightarrow \left[\begin{array}{c} + \text{ alt} \\ - \text{ rec} \end{array} \right] / \text{---}(\#) \left[\begin{array}{c} + \text{ alt} \\ - \text{ rec} \end{array} \right]$$

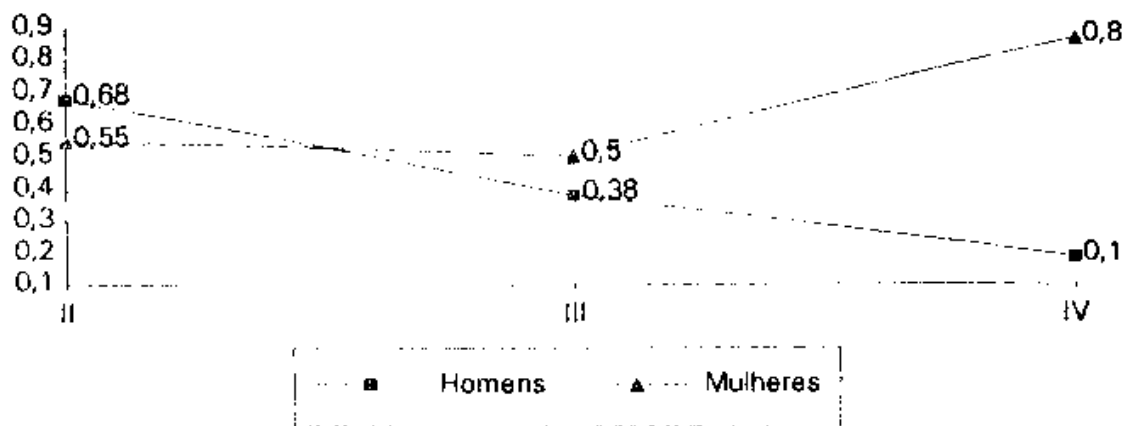
Se estas são as condicionantes propriamente linguísticas do fenómeno, é agora necessário estudar a medida em que essa opcionalidade é constringida por factores extra-linguísticos tais como o grupo social, o sexo, a idade.

No teste dos pares, tendo em conta as classes etárias, verifica-se que as mulheres aumentam a percentagem de palatalização segundo a classe, ao passo que os homens baixam nitidamente em relação às mulheres no grupo etário menos jovem.



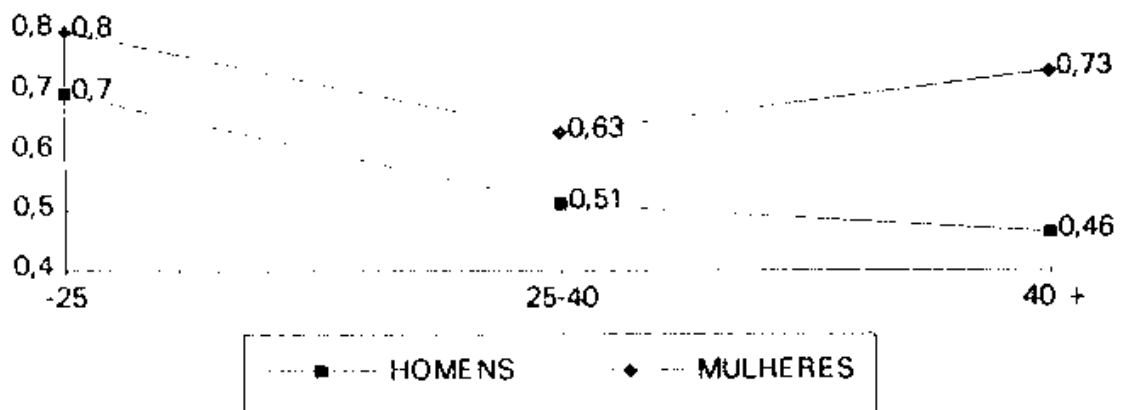
No teste dos pares, tendo em conta o grupo social, só os homens do G. II têm uma maior percentagem do que as mulheres do grupo correspondente. Os homens diminuem a percentagem à medida que aumenta o índice do Grupo, ao passo que as mulheres baixam em G. III para subir marcadamente em G. IV.

PARES



Relativamente à lista, mas tendo em conta as classes etárias temos

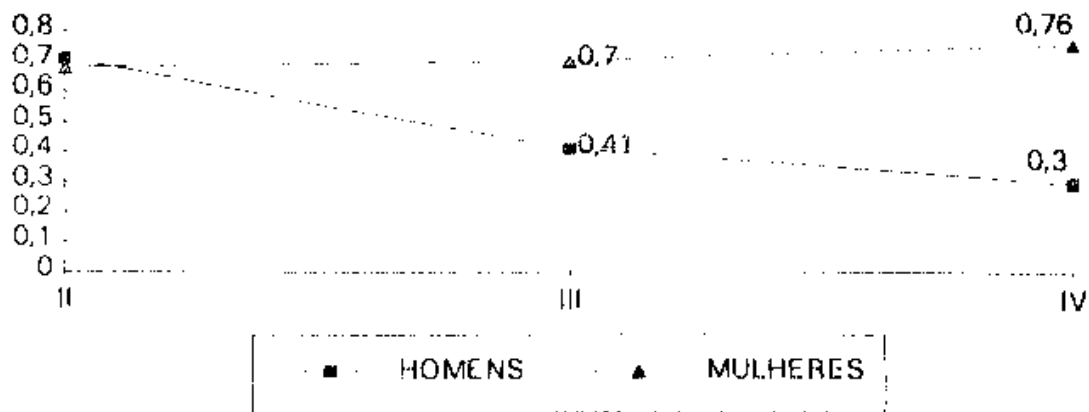
LISTA



em que se verifica que os homens baixam a percentagem com o aumento da classe etária (70%, 51%, 46%), ao passo que as mulheres descem em C. II (25-40), relativamente a C. I (<25) e a C. III (>40). Tendo em conta unicamente a classe etária, a classe I apresenta o maior índice, (75%), C. II e C. III sendo quase idênticas (57% e 59,5%, respectivamente). Amalgamando as classes etárias e tendo em consideração unicamente o sexo encontramos perante uma situação parecida com a dos pares: as mulheres palatalizam bastante mais (16,4%) do que os homens.

Ainda relativamente ao teste da lista e em função do grupo social temos

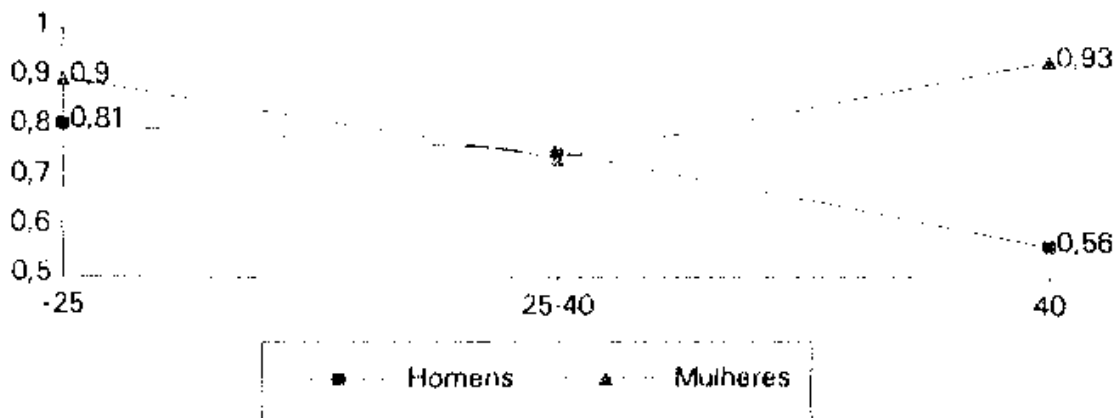
LISTA



em que os homens diminuem a percentagem à medida que aumenta o índice do Grupo, G. III e G. IV diminuindo drasticamente em relação a G. II, ao passo que as mulheres sobem com o aumento do índice, embora de modo menos acentuado porque já começaram com uma percentagem elevada.

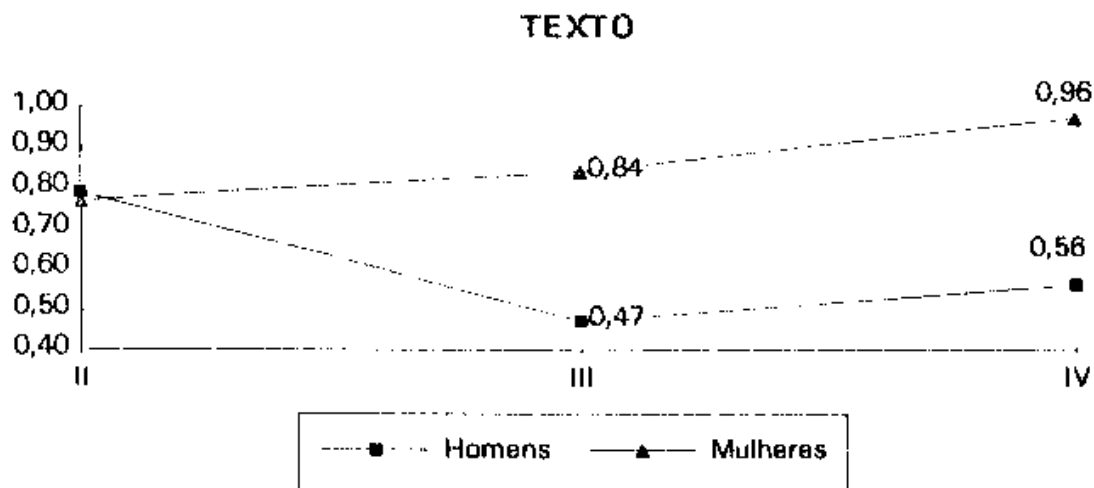
Relativamente ao texto e em função da idade temos

TEXTO

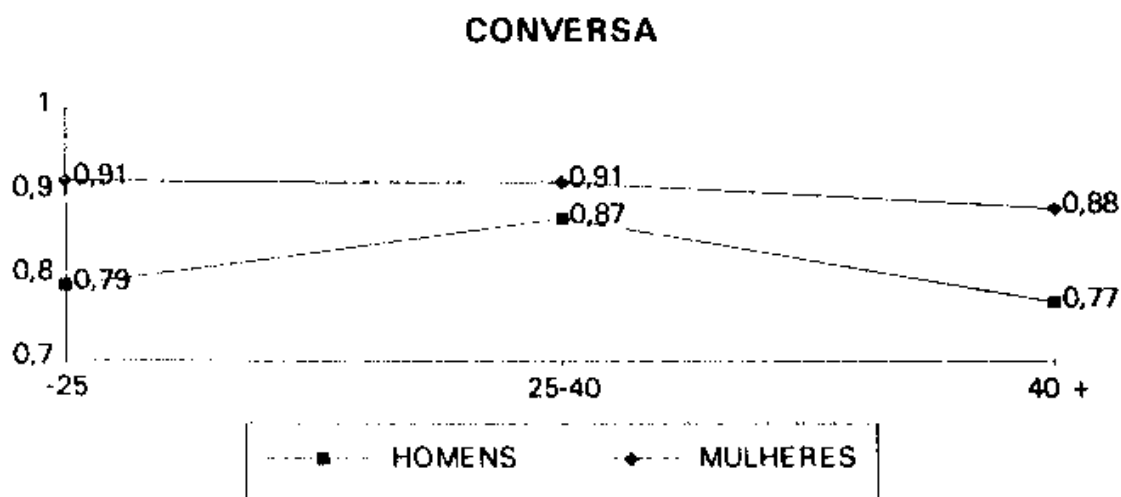


Neste teste observa-se um comportamento oposto entre os homens e as mulheres: enquanto os homens baixam com a subida de classe (de 81% a 56%), as mulheres sobem (de 90% a 93%, embora com uma forte descida no grupo dos 25-40 anos).

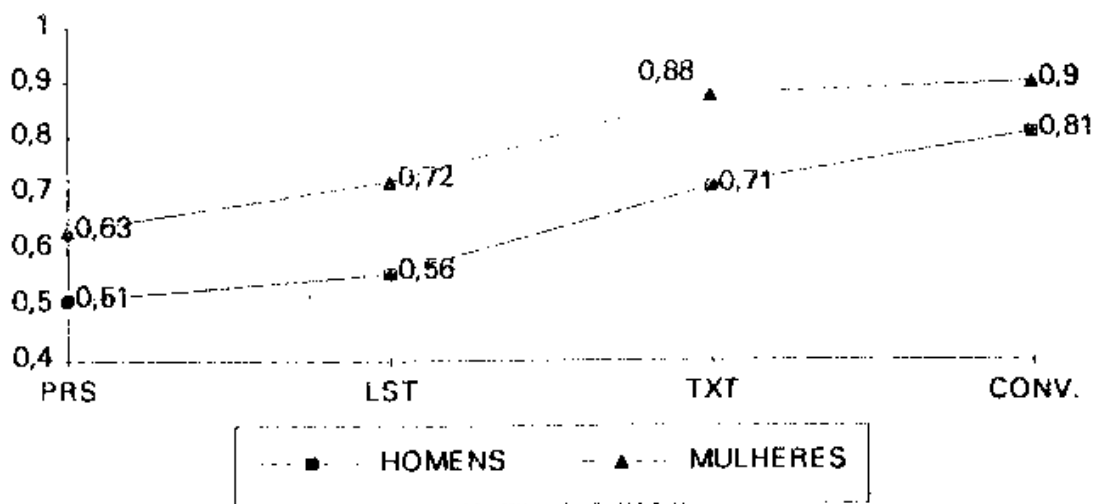
Já em função do grupo social, para os homens, a percentagem desce de G. II para G. III e sobe em G. IV. As mulheres aumentam a percentagem à medida que aumenta o índice do Grupo.



Na parte da entrevista, sem distinguir entre conversa formal e conversa informal, o comportamento dos locutores, segundo a classe etária e o sexo é o seguinte:



Finalmente, considerando apenas a diferença de sexo em função do estilo, o gráfico resultante é o seguinte:



Em conclusão, podemos afirmar que, globalmente, as mulheres palatalizam mais do que os homens em todos os estilos considerados. À medida que diminui o grau de formalidade aumenta a percentagem de palatalização. Relativamente à variável estudada, as diferenças de comportamento entre os grupos são quantitativas e não qualitativas, por isso a gramática da comunidade aparece em cada uma das gramáticas do grupo.⁵

¹. Embora a palatalização do /l/ também se encontre nos Açores, mais notoriamente em São Miguel, é evidente que se trata de dialectos diferentes.

². Cf. Encrevé (1979) sobre a noção de hetero-vigilância.

³. Agradecemos ao Eng.^o Nuno Menezes e ao Presidente da Câmara Municipal do Funchal (em 1981) a cedência de uma sala para efectuar algumas entrevistas.

⁴. Por /l/ velarizado entendemos, em termos tradicionais, uma líquida lateral alveolar, um /l/, com uma articulação secundária que corresponde à elevação e recuo do corpo da língua (velarização). Para que uma consoante possa ser lateral ela terá também que ser coronal. Compreende-se, deste modo, facilmente, que é impossível, até por razões de ordem fisiológica, produzir um /l/ velar.

⁵. Para distinguir esta variante palatalizada da palatal normal, utilizaremos os símbolos /l/ e /l̃/, respectivamente.

Não mencionaremos aqui um fenómeno paralelo, ou contrário, a este que é a despalatalização do *j* palatal. Por outro lado, a despalatalização pode ter duas origens e só nos interessa a que releva de casos de hipercorreção.

⁴. A normalidade da despalatalização não parece tão evidente quanto o autor o pretende. Por outro lado, note-se "a semivogal *i*" de "grilo", por exemplo. Note-se ainda que os exemplos de despalatalização - todos com o clítico *lhe* - se encontram, pelo menos, numa vasta zona do Centro e do Norte de Portugal Continental.

Confronte-se esta afirmação com as posições de Pereira (1952), Rogers (1932), Pestana (1954) e Brüdert (1937-1938).

⁷. O *itálico* é nosso.

⁴ O mesmo se poderá dizer da realização das variáveis */i/* e */u/* tónicos que aqui não foram apresentadas. Também, por falta de espaço, não se discute o importante problema de saber qual a natureza da variação encontrada: estereótipo linguístico ou mudança em fase inicial, em curso ou final.